

Adriano Lopes de Souza
Otávio Tavares

Jogos Olímpicos da Juventude: a ‘menina dos olhos’ do Comitê Olímpico Internacional?

Resumo

O presente estudo se propõe a analisar e discutir as principais características dos Jogos Olímpicos da Juventude ou *Youth Olympic Games* (YOG), com destaque para a organização espacial empreendida durante a edição realizada na cidade de Buenos Aires, em 2018 (YOG-2018). Para tanto, procedemos com uma observação *in loco* durante o referido megaevento esportivo e produzimos um breve comparativo com os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Os resultados indicam que os YOG-2018 foram marcados, dentre outras coisas, por uma diversidade de atividades recreativas, culturais e educacionais ofertadas nos Parques de competições olímpicas, mas, de forma descolada da programação esportiva. Ou seja, tais atividades ocorreram não apenas no hiato existente entre as disputas olímpicas – tal como ocorre nos JO de verão –, mas, de forma simultânea em outros espaços, o que pode ajudar a justificar as gigantescas filas que se formavam na entrada dos Parques temáticos, bem como a grande procura por essas atividades. Ademais, parece-nos que a referida programação híbrida direcionada não apenas para os jovens atletas olímpicos, como também para o próprio público presente nos YOG-2018, poderiam ajudar a justificar o trato dos YOG como uma espécie de “menina dos olhos” do COI.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos da Juventude; Organização espacial; Programação híbrida.

Youth Olympic Games: The ‘apple of the eye’ for the International Olympic Committee?

Abstract

The present study aims to analyze and discuss the main characteristics of the Youth Olympic Games (YOG), with emphasis on the spatial organization undertaken during the edition held in Buenos Aires in 2018 (YOG-2018). To this end, we carried out an on-site observation during the aforementioned mega sporting event and produced a brief comparison with the Beijing Olympic Games in 2008. The results indicate that YOG-2018 were marked, among other things, by a diversity of recreational, cultural and educational activities offered in the Olympic competition parks, but detached from the sports programming. In other words, such activities took place not only in the hiatus between Olympic disputes - as occurs in the Summer Olympics – but, simultaneously in other spaces, which may help justify the gigantic queues that formed at the entrance of the thematic parks, as well as the great demand for these activities. Furthermore, it seems to us that this hybrid programming directed not only to

young Olympic athletes, but also to the audience present at YOG-2018, could help justify treating YOG as a kind of ‘apple of the eye’ for the IOC.

Keywords: Youth Olympic Games; Spatial Organization; Hybrid Programming.

Introdução

Os Jogos Olímpicos (JO) diferenciam-se de qualquer outro megaevento ou organização esportiva, uma vez que seu eixo de referência perpassa explicitamente pela difusão de uma determinada ideologia valorativa, a qual, no entender de Tavares (2003) reverbera diretamente no conjunto de lemas olímpicos, consagrados tanto pelo senso comum, quanto pela vulgata dos estudos olímpicos, com destaque para o lema “citius – altius – fortius” (mais rápido – mais alto – mais forte), aliado ao bordão “o importante é competir”. Em ambos, supõe-se que o interesse focal deve perpassar pela busca de cada praticante por sua melhor versão em uma competição, reconhecendo que o seu valor não reside apenas na vitória, mas na vivência do chamado “espírito olímpico”. Ora, a rigor, isso significa recusar vantagens injustificáveis e meios ilegítimos para lograr êxito, fazendo da sua participação no esporte um instrumento para o autodesenvolvimento e para o compartilhamento de valores sociais.

Não obstante, em que pese a histórica proposta axiológica inerente aos ideais olímpicos, DaCosta (2002) nos chama a atenção para o fato de estarmos atravessando nos últimos anos um período denominado de “pós-tradicional” em relação a tais pressupostos, especialmente, em decorrência da lógica mercadológica/capitalista em que os JO foram ajustados e dos episódios de escândalo envolvendo alguns membros do Comitê Olímpico Internacional (COI). Segundo este autor, o COI foi exposto aos interesses de comercialização e confrontos políticos ao longo de um século de história. Deste modo, é preciso ter presente que os JO têm enfrentado um conjunto de críticas baseadas no argumento de que o significado central do Movimento Olímpico (MO) e do Olimpismo (contribuir para o desenvolvimento pessoal e social) havia sido seriamente comprometido, culminando, dentre outras coisas, na necessária reforma de toda a sua estrutura, com a realização de diferentes eventos destinados a fomentar o debate das questões que o envolvem (DaCosta, 2002).

Sintomaticamente, é nesse contexto controverso que o referido Comitê criou a sua mais recente modalidade de competição olímpica e foco deste estudo: trata-se dos Jogos Olímpicos da Juventude ou *Youth Olympic Games* (YOG), numa tentativa de explicitar os

ideais valorativos, a partir do pressuposto de que o esporte pode representar um importante instrumento para a educação da juventude, visando a construção de um mundo mais justo, harmônico e solidário, conforme declara-se na Carta Olímpica (COI, 2020).

Com efeito, diante da complexidade que envolve tais intentos valorativos, no primeiro momento, optamos por trazer luz para o processo de criação destes Jogos, alinhavado à influência da tradição e da missão do MO, analisando as principais características que o diferem de outros megaeventos desta natureza, incluindo a sua programação híbrida, com a proclamada ênfase na tríade ‘esporte, cultura e educação’; posteriormente, contextualizamos o leitor sobre a ocorrência da terceira edição dos YOG, a qual foi sediada pela primeira vez na América Latina, mais especificamente na cidade de Buenos Aires em 2018 (YOG-2018); e finalmente, apresentamos uma síntese da nossa observação *in loco* no tocante à organização espacial referente aos YOG-2018, com a produção de um breve comparativo com os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.

Contextualização e caracterização dos YOG

Os YOG surgiram como a mais nova e significativa modalidade de competição esportiva adicionada à família dos JO em um período compreendido em aproximadamente um século¹, visto que a última inovação havia sido a criação dos JO de Inverno, em 1924 (Torres, 2010). Sua proposta foi aprovada pelo COI em julho de 2007, tendo como principal objetivo fazer dos YOG o maior evento jovem de caráter esportivo, destinado a promover a devida oportunidade aos jovens atletas mais talentosos de todo o mundo para participarem de um programa de competição esportiva de alto nível, incluindo a parte festiva e cultural historicamente atrelada aos JO, com a vivência das cerimônias oficiais (COI, 2009; 2010). Sobre este ponto, Müller e Todt (2015) chamam a atenção para a concepção do Barão Pierre de Coubertin – recriador dos JO da era moderna e fundador do MO – de que estes Jogos deveriam combinar de forma harmoniosa as competições esportivas com os elementos artísticos e culturais, preservando, destarte, uma relação estreita com o modelo idealizado da antiguidade grega.

Os JO expressam a juventude que se renova a cada quatro anos, bem como um novo “culto ao ser humano” e, no entanto, ainda precisariam ser incrementados por marcos rituais,

¹ Os Jogos Paralímpicos acontecem desde 1960. Entretanto, ressalta-se que a sua organização é de responsabilidade do Comitê Paralímpico Internacional e, por isso, embora sejam legítimos e reconhecidos, estes Jogos não podem ser considerados como um evento do COI.

tais como as cerimônias de abertura e de encerramento, a homenagem aos vencedores e símbolos olímpicos, tais como os aros, as bandeiras, o juramento e a pira. Tal organização assegurava ao referido megaevento um valor diferenciado e duradouro, baseado em valores consagrados, cujo patrono era o exemplo artístico-festivo dos Jogos antigos (Müller & Todt, 2015).

Não obstante, embora tais elementos tenham se estendido também para os YOG, os seus idealizadores defendem que estes não devem ser considerados simplesmente como uma variação reduzida da “versão adulta” ou mesmo uma espécie de “mini-JO”, mas, devem representar a explicitação da tríade ‘esporte, cultura e educação’, estruturando-se por meio da experiência de ‘*Compete, Learn & Share*’, isto é, ‘Competir, Aprender e Compartilhar’, numa tentativa declarada de estimular a compreensão da filosofia olímpica em uma idade mais jovem (COI, 2009; 2010; 2018b).

Sintomaticamente, importa-nos frisar que a proposta de combinar essa tríade também está alinhavada à influência da tradição e da missão do MO, exaltando o equilíbrio das qualidades do corpo, do espírito e da mente, o que, aliás, é expresso como um Princípio Fundamental na Carta Olímpica (COI, 2020).

Ademais, observado de maneira retrospectiva, é importante fazer a ressalva de que Coubertin não pensava inicialmente ou prioritariamente em renovar os JO. Sua preocupação primeva residia na “[...] substituição e reformulação da educação francesa, buscando na Inglaterra o seu modelo ideal” (Todt *et al.*, 2007, p. 152). Ou seja, um modelo que fosse capaz de reformar os problemas que assolavam o contexto sociocultural francês, promovendo a paz e a igualdade entre os indivíduos. Para tanto, ele vislumbrou no esporte um instrumento de desenvolvimento educacional capaz de fomentar o aprendizado de valores éticos e morais, equilibrando o espírito de grupo com o impulso competitivo, o que, por sua vez, só seria possível se praticado em um ambiente democrático e, ao mesmo tempo, meritocrático², contribuindo para amenizar as desigualdades sociais vigentes (Müller, 2008; Müller & Todt, 2015).

A opção por fazer algumas visitas à Inglaterra permitiu a Coubertin refinar a sua compreensão sobre o esporte moderno e seus aspectos pedagógicos, acompanhando de perto o

² As ideias e ações de Coubertin fundavam-se, dentre outras coisas, numa espécie de idealismo utópico, o que o fazia acreditar, por exemplo, que a prática esportiva assentava-se numa suposta igualdade de condições, isto é, em um “jogo equilibrado”, de tal modo que as pessoas socialmente desfavorecidas teriam chances iguais de superar àquelas com melhores condições socioeconômicas. Entretanto, vale a pena comentar que, embora expostas às mesmas regras esportivas, os respectivos praticantes não se encontram necessariamente no mesmo ponto de partida, transformando o discurso da meritocracia em um instrumento capaz de aplinar as desigualdades sociais.

funcionamento do sistema educacional inglês, cuja prática esportiva – especialmente, do Rugby – fazia parte da rotina dos escolares (Miragaya, 2009). Segundo a autora, a partir daí, Coubertin vislumbrou na prática esportiva um contributo para desenvolver a força moral da juventude e daí ser levada para a vida como um todo, enquanto um instrumento de educação e cultura.

Com efeito, tais intenções coubertinianas de dimensões sociocultural e pedagógica acabaram originando um *constructo* caro aos Estudos Olímpicos³, o qual convencionou-se chamar, já há alguns anos, de Educação Olímpica (EO), cujas contribuições teórico-práticas foram produzidas por um somatório de autores.

Com base em Miragaya (2009), cumpre-nos observar que, embora Coubertin não tenha utilizado este termo em seus escritos, a EO pode ser considerada como um dos seus legados, uma vez que ele fez referência a outros termos e/ou expressões símiles, quais sejam: ‘educação através do esporte’; ‘educação esportiva’, ou, ainda, ‘pedagogia olímpica’. A alcunha do termo EO, por sua vez, foi dada pelo historiador alemão Nobert Müller somente na década de 1970, a partir das suas pesquisas relacionadas com as temáticas da Educação e dos Estudos Olímpicos (Miragaya, 2009).

Numa tentativa de sistematizar conceitualmente o referido termo, Tavares (2009) caracteriza a EO como um conjunto de propostas pedagógicas de educação por meio do esporte, tendo como referência os preceitos do MO. Logo, o esporte, de fato, parece-nos ser uma condição suficiente, enquanto o conjunto de elementos olímpicos, como símbolos, valores, histórias e tradições constituem as condições necessárias para a definição do que é ou poderia ser uma proposta de ‘educação olímpica’ (Kirst & Tavares, 2018). No entender de Müller (2008), tais propostas devem direcionar seus esforços para prover uma educação de caráter universal, bem como o desenvolvimento integral do ser humano, opondo-se à educação cada vez mais especializada, tal como encontra-se em muitas disciplinas.

Em face do exposto, destaca-se uma compreensão histórica acerca do potencial educativo e transformador atribuído ao esporte em geral e, em especial, ao esporte olímpico, cujos efeitos supostamente deveriam materializar-se no estilo de vida de cada praticante, transcendendo, portanto, a sua experiência no âmbito esportivo.

Portanto, é com base nessa intencionalidade de dimensões esportiva, cultural e educacional que os YOG emergem como uma espécie de “carro-chefe” das estratégias do COI

³ Expressa o “[...] nome dado ao conjunto de estudos de caráter acadêmico que tem como tema, *locus* ou viés de análise dos fenômenos esportivos os Jogos Olímpicos e/ou o Movimento Olímpico em suas mais diversas manifestações” (Tavares *et al.*, 2005, p. 751).

direcionadas especificamente para o público jovem, aproximando-o dos ideais correlatos ao MO, objetivando introduzir os pressupostos olímpicos, com o compartilhamento e celebração da diversidade de culturas em uma atmosfera eminentemente festiva (COI, 2007; 2008).

Conforme pontuado por Turini *et al.* (2008), tal iniciativa do COI chama a atenção das inúmeras instituições esportivas para a questão da formação do jovem atleta também no âmbito axiológico. Este fato ganha importância na medida em que a fase da juventude é considerada crucial no desenvolvimento de princípios e valores tão importantes para a formação da personalidade e autonomia moral do indivíduo.

Nesse contexto, vale comentar que a estrutura dos YOG foi de alguma maneira inspirada no modelo do Festival Olímpico da Juventude Europeia ou *European Youth Olympic Festival* (EYOF)⁴, o qual servia como uma espécie de “aquecimento” para os JO, contando, inclusive, com um conjunto de rituais olímpicos, tais como, as cerimônias de abertura e encerramento e o acendimento da Chama Olímpica durante toda a duração do evento (WONG, 2011).

Com efeito, embora o EYOF também fosse regido pelos princípios educacionais para a juventude por meio do desporto, os YOG apresentam como diferencial a criação de novos formatos de competição esportiva e, de maneira especial, a implementação do Programa de Educação e Cultura ou *Culture and Education Programme* (CEP), numa tentativa de concretizar tais intentos valorativos e equilibrar a tríade ‘esporte, cultura e educação’. Via de regra, a proposta inovadora do COI é de que o trabalho seja desenvolvido para além do campo de jogo, com o oferecimento de atividades diversificadas, sustentando-se, basicamente, em cinco temas principais: Olimpismo (histórias e valores do MO), responsabilidade social (envolvimento da comunidade e meio ambiente), desenvolvimento de habilidades (contexto esportivo), expressão (mídias digitais e festivais), saúde e bem-estar (riscos no esporte e estilo de vida ativo) (COI, 2009).

Assim, por intermédio do CEP, tal Comitê se propõe a oferecer uma plataforma educacional para abordar e discutir temáticas sociais relevantes para os jovens atletas e para a sociedade contemporânea, tais como: nutrição, estilo de vida saudável, desafios da carreira esportiva, prevenção de lesões, perigos do *doping*, revolução multimídia e o cuidado com o meio ambiente. Para tanto, requer do referido Programa a oferta de numerosas atividades interativas, *workshops*, oficinas, fóruns compostos por atletas renomados, especialistas

⁴ Foi criado em 1990 por iniciativa do presidente do Comitê Olímpico Europeu (COE) na época, o belga Jacques Rogge, o qual viria a se tornar presidente do COI entre 2001 e 2013. Inicialmente este evento atendia pelo nome de “Jornadas Olímpicas da Juventude Europeia”, cuja primeira edição aconteceu no ano seguinte à sua criação, na cidade de Bruxelas, capital da Bélgica, aonde também fica localizada a sede da União Europeia.

internacionais e grandes personalidades nas áreas de educação, cultura e esporte (COI, 2009).

Ademais, o COI também projeta a promoção de exercícios que envolvam, por exemplo, a formação de equipes mistas (por sexo e/ou por nações), no intuito de dar aos jovens atletas participantes a oportunidade de aprender sobre os valores olímpicos, conhecer outras culturas e, conseqüentemente, tornarem-se aptos para serem ‘embaixadores’ juvenis em suas comunidades locais, no intuito de propagar os mesmos valores em seus respectivos países. Assim, segundo os objetivos do COI, eles teriam a missão de inspirar e estimular os seus pares sobre a importância da prática esportiva para a saúde, a partir da adoção e da manutenção de um estilo de vida mais saudável. Ao mesmo tempo, almeja-se fomentar uma maior integração, compromisso e responsabilidade social desses praticantes nas suas respectivas comunidades (COI, 2007; 2008; 2009).

Não obstante, a despeito do proclamado caráter educacional, cultural e valorativo atribuído aos YOG, o estudo conduzido por Souza e Tavares (2020) investigou a literatura nacional e internacional existente sobre a experiência educacional de jovens atletas de elite nesse megaevento, cujos resultados indicam que a participação desses indivíduos nos YOG pode proporcionar um conjunto de aprendizados valorativos. No entanto, tais experiências educacionais – em especial, quanto ao internacionalismo, ao intercâmbio cultural e à construção de amizades – parecem ter sido, em alguma medida, contingenciais, materializando-se muito mais através de reuniões e interações informais entre eles do que necessariamente em decorrência do consumo da diversidade de atividades culturais e educacionais ofertadas pelo CEP. Ao contrário, estas parecem não gozar de uma grande popularidade por boa parte dos atletas investigados nos respectivos estudos, visto que eles apresentam determinada resistência ou dificuldade de participação nas mesmas (Souza & Tavares, 2020).

De forma análoga ao que ocorre com os JO convencionais, os YOG também foram projetados para serem realizados a cada quatro anos, isto é, no período denominado de Olimpíada, fornecendo uma experiência irrepetível para os jovens atletas com idades entre 15 e 18 anos⁵.

Com efeito, urge esclarecer que a realização dos YOG-2018 foi precedida por diferentes edições dos YOG, enquanto outras já estão previstas para acontecerem, incluindo a realização de forma intercalada entre as edições de inverno e verão, de modo que a cada dois

⁵ Embora este megaevento aconteça a cada quatro anos, interessante notar que o lapso temporal das idades dos respectivos atletas jovens é de apenas 3 anos (cuja data de nascimento, no caso dos YOG-2018, deve constar entre 1 de janeiro de 2000 e 31 de dezembro de 2003), de tal modo que apenas lhe é possível desfrutar desta experiência uma única vez.

anos seja realizada uma de suas edições (Quadro 1). A seguir, descreveremos com um pouco mais de detalhes alguns pontos concernentes à realização deste megaevento de caráter esportivo, cultural e educacional na capital argentina.

Ano	Edição	Tipo	Cidade - País
2010	I Jogos Olímpicos da Juventude	Verão	Singapura - Singapura
2012		Inverno	Innsbruck - Áustria
2014	II Jogos Olímpicos da Juventude	Verão	Nanquim – China
2016		Inverno	Lillehammer - Noruega
2018	III Jogos Olímpicos da Juventude	Verão	Buenos Aires, Argentina
2020		Inverno	Lausanne – Suíça
2022	IV Jogos Olímpicos da Juventude	Verão	Dakar – Senegal
2024		Inverno	A ser confirmado

Figura 1. Edições dos YOG.

Fonte: Souza, Mataruna-Dos-Santos e Tavares (2019).

Contextualização e caracterização dos YOG-2018

Capital da República Argentina e com uma população de aproximadamente 13 milhões de pessoas, Buenos Aires foi escolhida pelo COI, em 2013, para sediar a primeira edição de um megaevento Olímpico para a juventude na América Latina. Objetivamente, estes Jogos receberam – entre os dias 6 e 18 de outubro de 2018 – um número de atletas que superou todas as edições passadas, haja vista que esta contou com a participação de aproximadamente 4.000 atletas que representaram 206 Comitês Olímpicos Nacionais (CONs) diferentes, os quais, por sua vez, fazem parte de uma das cinco Associações, Organizações ou Comitês Olímpicos Continentais: África, América, Ásia, Europa e Oceania (BAYGOC, 2018).

Com efeito, a edição de Buenos Aires foi composta por talentosos e promissores jovens atletas de elite da geração nascida nos anos 2000, mais conhecida como “Geração Z”. E embora não seja possível identificar na literatura uma data precisa a respeito do seu

surgimento, muitos autores compartilham o entendimento de que esta se inicia a partir dos anos 1990, reunindo características da geração anterior, a “Geração Y”. A diferença substancial perpassa pelo fato de que elas são mais ampliadas, dinâmicas e diversificadas na atual geração, cujos jovens sumariamente não reconhecem mais o mundo sem tecnologia e sem acesso rápido à informação, pois nasceram em um mundo digital e conectado (Levenfus, 2002).

Assim, consoante ao entendimento de que os atletas participantes dos YOG-2018 estão situados em um contexto dinâmico, veloz, diversificado e conectado, o Comitê Organizador dos YOG de Buenos Aires – BAYOGOC – estabeleceu como alguns dos pilares centrais desta edição olímpica, a celebração da diversidade cultural e da igualdade de gênero, marcada por algumas ações que se iniciaram desde a sua cerimônia de abertura⁶ e que se estenderam ao longo da sua programação.

Ressalta-se que a própria escolha da sua mascote tem como justificativa uma tentativa de chamar a atenção para tais questões. Embora seja nominada de forma fictícia como “#Pandi” (justamente para denotar uma associação imediata com os meios digitais), esta mascote representa uma espécie de onça-pintada, ou gato selvagem, característico do norte da Argentina e que corre risco real de extinção. De acordo com o Comitê Organizador destes jogos, alegoricamente ela tem cerca de 16 anos e é considerada de “gênero fluido”, devendo servir como uma importante fonte de inspiração para a construção de um mundo mais justo e tolerante através do esporte, da cultura e da arte (COI, 2018c).

No que diz respeito ao seu programa de competição esportiva, a edição de Buenos Aires contou com um conjunto de 280 provas, distribuídas em 32 esportes e 36 disciplinas⁷ (BAYOGOC, 2018). Embora a sua programação esportiva comporte muitos esportes que já fazem parte dos JO, os YOG, por sua vez, gozam de uma maior liberdade para incluir um conjunto de variações, inovações e experimentações de algumas modalidades, que, eventualmente, podem vir a ser incluídas nos JO. Dentre os novos formatos de modalidades apresentados pela primeira vez em uma competição olímpica, destacam-se: o Caratê, o Futsal (em substituição ao Futebol), a Escalada esportiva, a Patinação de velocidade sobre rodas, o Kitesurf (classe da vela que estará no programa de Paris 2024), o Handebol de praia, o Ciclismo BMX *Freestyle* e o *Break Dance*, visando, segundo o BAYOGOC, justamente proporcionar uma maior aproximação com o público jovem.

⁶ Nestes Jogos, por exemplo, o acendimento da Pira Olímpica foi realizado ao mesmo tempo, por um homem e por uma mulher: o velejador Santiago Lange e a judoca Paula Pareto, ambos medalhistas de ouro nos JO do Rio de Janeiro, em 2016.

⁷ Para mais informações sobre cada uma delas, consultar: <https://www.buenosaires2018.com/sports>.

Conforme propalado por seus organizadores, ao longo da edição de Buenos Aires, foi possível ver os atletas de diferentes CONs deixando momentaneamente a sua representação nacional de lado para competirem juntos em uma gama de eventos mistos e inovadores. Dentre eles, destaca-se a união das atletas de duas nações distintas (uma da Índia e uma do Paquistão) para competirem conjuntamente num evento de Tiro esportivo, visto que, apesar da vizinhança, tais nações são consideradas rivais política e esportivamente, sobretudo, nos campos de Hóquei e Críquete (COI, 2018d).

Por outro lado, apenas como contraponto desta tentativa de deixar as representatividades nacionais de lado nos YOG, vale a pena citar o caso de Mohammad Soleimani, atleta de Taekwondo que foi retirado, por sua própria equipe, da final na categoria de 48 kg contra um concorrente de Israel nos primeiros YOG, em 2010, sob o pretexto de uma suposta lesão no tornozelo. Entretanto, ao abrir uma investigação imediata, o COI descobriu que se tratava na realidade de uma recusa por parte da delegação iraniana para evitar a disputa com rivais de Israel, algo que já ocorria desde as Olimpíadas de Atenas 2004, porque o Irã não reconhece Israel politicamente como um estado (Parry, 2012). Ora, isso demonstra que, em alguns casos, o esporte em geral e o esporte olímpico, em particular – incluindo os YOG –, são impotentes para atenuar tais rivalidades políticas.

De todo modo, o BAYOGOC faz menção, ainda, a outros exemplos expressivos e potencialmente inovadores, como os eventos mistos continentais de Equitação, de Esgrima e de revezamento no Triatlo, reunindo os jovens atletas por seus respectivos continentes (COI, 2018d). Aliás, para efeitos informativos, destaca-se que, a exemplo das edições anteriores e dos próprios JO, nos YOG-2018 não foram divulgados ranqueamentos oficiais de medalhas por nação.

Ademais, além da composição de equipes que envolveram uma junção de diferentes CONs, nestes Jogos, também foram formadas equipes mistas por sexo, como por exemplo, no revezamento de algumas provas de atletismo e natação. Nesse sentido, tal como foi propalado pelo COI, a edição argentina representou a primeira vez que um evento olímpico contou com a participação do mesmo número de atletas masculinos e femininos, recebendo cerca de 2.000 mulheres e 2.000 homens (COI, 2018a). Nesse sentido, é preciso reconhecer que

[...] o BAYOGOC contribuiu para uma maior participação das mulheres no desporto de elite e, ao mesmo tempo, apoiou a desnaturalização e desconstrução dos preconceitos relacionados aos estereótipos de gênero, dentro e fora do campo desportivo. Destaca-se que crianças e jovens são peças fulcrais para romper com o sexismo nas sociedades, por isso, Buenos Aires 2018 se revelou uma influência positiva e inspiradora, suscitando a

equidade, o respeito e a inclusão (Medeiros, 2021, p. 171-172).

Em suma, as competições esportivas foram majoritariamente concentradas nos quatro principais Parques temáticos, localizados em diferentes partes da capital argentina: Parque Olímpico, Parque Tecnópolis, Parque Urbano e Parque Verde. As exceções perpassam pela disputa de determinadas modalidades que exigiram locais independentes, em decorrência de uma maior demanda de espaço, como por exemplo, o Golfe (no Hurlingham Club) e a Vela (Club Nautico San Isidro).

Paralelo às competições esportivas, é interessante pontuar que os YOG-2018 também ofereceram um conjunto de atividades culturais e educacionais organizadas e articuladas pelo CEP, oferecendo aos jovens atletas, durante a sua permanência na Vila Olímpica da Juventude, o contato com diferentes temáticas, tais como: estilo de vida saudável, expressão, prevenção de lesões, os perigos do *doping*, carreira esportiva, entre outros. A programação também incluiu a visita de diferentes atletas de nível internacional neste mesmo local – como foi o caso da futebolista brasileira Marta –, os quais foram selecionados pelo COI para atuarem como uma espécie de atletas-modelo, na tentativa de promover um momento de conversação e troca de experiências com os atletas da nova geração.

Não obstante, em que pese a obrigatoriedade de permanecerem na Vila durante todo o período dos Jogos (mesmo que a sua competição encerrasse no primeiro dia, por exemplo), nada garantia a participação dos jovens atletas nas respectivas atividades culturais e educacionais. Destarte, compete ao comitê organizador dos YOG refletir sobre a melhor forma de operacionalizar tal programação “[...] no intuito de gerar maiores condições para que os jovens atletas possam experimentar plenamente o espírito olímpico e as possibilidades educacionais correlatas a um megaevento esportivo que pretende transcender a dimensão competitiva” (Souza & Tavares, 2020, p. 12).

Há, ainda, um último aspecto que merece ser comentado a respeito dos YOG-2018. Trata-se do acesso aos locais deste megaevento esportivo, uma vez que este foi inteiramente gratuito, possibilitando ao público não apenas acompanhar as modalidades esportivas, mas, desfrutar também de inúmeras atividades culturais e educacionais promovidas pelo CEP, respeitando-se a capacidade máxima dos Parques. Para ingressar nos quatro Parques temáticos era necessária apenas a apresentação do passe olímpico (em formato de bracelete ou pulseira eletrônica, denominada “*Youth Olympic Pass*”) no momento da entrada, desde que se enquadrasse dentro dos seus limites de capacidade.

Isto posto, além de poder acompanhar cerca de 4.000 jovens atletas mais talentosos em

ação nas suas respectivas competições esportivas, este Passe também permitia ao público, que estivesse presente no interior dos Parques temáticos, desfrutar de uma verdadeira festa cultural, a partir da oferta de mais de 1.200 atividades recreativas e culturais, das quais 800 eram atividades artísticas e educativas e 468 consistiam em sessões de iniciação esportiva, destinada especialmente para o público infanto-juvenil.

Dentre o público presente, destacamos a participação expressiva de inúmeros escolares da capital argentina, a qual justifica-se em virtude do programa "*La escuela va a los Juegos*". Trata-se da disponibilização de um passe de acesso diferenciado por parte do BAYOGOC para aproximadamente 36.000 crianças e jovens alunos das escolas públicas e privadas. Para tanto, tais escolas precisavam apenas estar registradas previamente no referido programa. Assim, seus alunos puderam experimentar a programação dos YOG-2018 nos respectivos locais durante um dia inteiro, seja como espectadores e/ou como consumidores das referidas atividades de iniciação esportiva e demais atividades recreativas, educativas e culturais, numa tentativa do COI de motivá-los a aderir a prática esportiva e de difundir os seus símbolos e valores olímpicos.

Após analisar 16 documentos elaborados e publicados pelo BAYOGOC, o estudo de Medeiros (2021) identificou a existência de três eixos axiológicos que permearam o discurso oficial, quais sejam: (1) A tradição axiológica do Olimpismo, contemplando os valores históricos do Movimento Olímpico; (2) Os valores dos YOG, com destaque para a união entre esporte, cultura e educação; e (3) Identidades em jogo, incluindo os valores próprios da cidade de Buenos Aires e dos YOG-2018.

Contudo, a autora supracitada adverte que os documentos oficiais representam tão somente a perspectiva de quem é responsável por organizar o referido megaevento (nesse caso o BAYOGOC) e, portanto, não refletem a perspectiva dos consumidores, sejam os jovens atletas ou o público geral (Medeiros, 2021), o qual é representado por um total de 1.001.496 espectadores se considerarmos o somatório das pessoas que visitaram os Parques temáticos com o respectivo público que compareceu à cerimônia de abertura (BAYOGOC, 2018).

Organização espacial dos YOG-2018

Neste ponto, importa-nos destacar a importância de nos familiarizarmos com a ambientação (atmosfera) da cidade-sede de um megaevento esportivo, incluindo, de maneira especial, a sua respectiva organização espacial em um determinado recorte temporal, tal como

já havia sido demonstrado no estudo realizado por Tavares (2011). Valendo-se de uma perspectiva microssociológica, o autor buscou focalizar as configurações dos espaços relacionados à realização dos JO na cidade de Pequim (em 2008) e a dinâmica dos sujeitos envolvidos.

Recorremos, então, a algumas explorações iniciais (e espaciais) que fizemos na cidade de Buenos Aires no início de outubro de 2018 para fazer um comparativo com o caso de Pequim. Assim, acabamos nos deparando com algumas semelhanças e divergências correlatas. Dentre as principais semelhanças, destaca-se a identificação do conjunto de arranjos oportunamente distribuídos pelas ruas da capital argentina para evocar estes Jogos, muito embora em uma dimensão bem mais modesta em comparação à Pequim e “[...] dos telões, espetáculos, performances e da festa de rua que se transformou Sydney ou mesmo da praça das medalhas em Copacabana, no Rio” (Souza, Mataruna-dos-Santos, & Tavares, 2019, p. 241).

No caso de Buenos Aires, os referidos arranjos podem ser exemplificados com a utilização de bandeiras, cartazes e até meios de transporte com figuras e dizeres em alusão direta aos YOG-2018, mais recorrentemente, com a exibição da sua logomarca, da sua mascote – normalmente segurando a Tocha Olímpica – e, claro, dos celebrados e consolidados Anéis Olímpicos.

Outrossim, também foi possível observar e ratificar que “Uma instalação olímpica é sempre um espaço de destinação exclusiva” (Tavares, 2011, p. 362). Tal fato foi evidenciado ao observarmos que a principal avenida da cidade, a Avenida 9 de Julio⁸, estava sendo inteiramente tomada para a abertura dos Jogos⁹. No dia da cerimônia, por exemplo, já não se via mais a volumosa movimentação de carros nas suas adjacências – tal como de costume –, uma vez que este espaço estava destinado exclusivamente (ainda que de forma temporária) para os ensaios dos atores envolvidos, bem como para a testagem do conjunto de aparelhagens correlatas.

No que diz respeito às principais diferenças, por sua vez, nos chamou a atenção a identificação de uma relação diferenciada do BAYOGOC com o público, o qual parece deixar de ser visto prioritariamente como consumidores, espectadores e torcedores do espetáculo esportivo, mas, de forma análoga, como potenciais consumidores de diferentes atividades de

⁸ Está situada na zona do Obelisco. Trata-se do local onde ocorrem diversos fatos históricos, como manifestações políticas e sociais, incluindo comemorações de triunfos esportivos, representando, assim, um dos principais cartões postais da cidade.

⁹ A cerimônia de abertura destes Jogos ocorreu no dia 6 de outubro e representou a primeira vez que uma cerimônia olímpica foi realizada de forma livre e gratuita à comunidade, isto é, fora dos tradicionais estádios.

caráter cultural, educacional e recreativo. No caso dos JO, por exemplo, o que mais se aproximava disso eram os pequenos jogos e desafios mediados por animadores profissionais com o público no intervalo dos eventos esportivos, visando manter uma excitação constante junto ao mesmo (Tavares, 2011).

Em contrapartida, no caso dos YOG-2018 – e o que nos parece ser uma das epifanias do COI –, foi ofertada uma ampla programação de atividades recreativas e culturais nos referidos Parques de competições olímpicas, mas, de forma descolada da programação esportiva. Ou seja, elas passam a ocorrer não apenas no hiato existente entre as disputas olímpicas – tal como ocorre nos JO –, mas, também de forma simultânea em outros espaços, o que pode ajudar a justificar as gigantescas filas que se formavam na entrada dos Parques temáticos, bem como a grande procura por essas atividades recreativas. Além disso, consideramos ser importante recuperar a informação de que a entrada nestes Parques – para assistir as competições olímpicas e/ou para participar das referidas atividades – requeria apenas o porte de um passe olímpico, o qual, por sua vez foi cedido sem gerar nenhum custo para as pessoas interessadas.

A respeito deste ponto, vale a pena tecer dois últimos comentários. Primeiro, que este consumo inteiramente gratuito por parte do público que participou dos YOG-2018 – incluindo a própria cerimônia de abertura – refere-se a um elemento notadamente singular se considerarmos os megaeventos esportivos em geral, e os JO em particular. Ora, sem buscar adentrar na seara da origem do financiamento e dos custos atinentes a estes Jogos, este aspecto parece-nos apontar para a dimensão do empreendimento do COI na busca pela promoção do ideal olímpico. Talvez, uma forma de frear a mercantilização dos JO, numa tentativa de resgatar o ideal coubertiniano mencionado alhures. O segundo, diz respeito ao potencial incremento na promoção de um tipo de Educação Olímpica, voltada não apenas para os jovens atletas envolvidos, mas para todo o público presente, com notável apelo à participação de crianças e jovens, diferenciando este megaevento dos JO de Pequim e dos demais megaeventos esportivos.

Reflexões finais

A conjuntura apresentada nesse estudo nos permite pensar que, em comparação com as outras duas modalidades de competição olímpica – JO de Verão e JO de Inverno –, os YOG apresenta-se como àquela que mais se aproxima dos ideais e objetivos declarados do

MO, ao promover o encontro de um conjunto ampliado e diversificado de atletas de diferentes localidades, concedendo-lhes a oportunidade de desfrutar dos respectivos ideais olímpicos através de competições diferenciadas e, em especial, das referidas atividades culturais e educacionais, podendo compartilhar, interagir e aprender com tais experiências a partir de uma abordagem ética no esporte e na vida.

Destarte, considerando-se o caso específico dos YOG-2018, identificamos que foram contemplados alguns públicos diferentes dos JO convencionais, incluindo, por exemplo, as famílias que se deslocaram das suas casas e enfrentaram enormes filas não apenas (ou não necessariamente) para assistir tais competições olímpicas, mas, sobretudo, para utilizar os seus espaços como uma oportunidade de praticar variadas atividades físicas, recreativas e culturais. Compreendemos, portanto, que tal cenário apresenta-se como uma faceta social relevante, cuja complexidade demanda a realização de novos empreendimentos investigativos capazes de contemplar, por exemplo, a perspectiva do público presente a respeito do uso de tais atividades.

Por fim, é preciso reconhecer que, se por um lado, a oferta da referida programação híbrida não pode garantir a experiência educacional dos jovens atletas olímpicos e/ou do público geral, por outro, pode ajudar a justificar o trato dos YOG como uma espécie de “menina dos olhos” do COI para difundir os ideais olímpicos, conforme veiculado constantemente em seus documentos oficiais.

Referências

- BAYOGOC. (2018). **Unos juegos para la historia**. Lausanne: COI. Disponível em: <https://www.buenosaires2018.com/the-games-that-made-history!/history/5bca3df2c05d00056a1ea743?lng=es>. Acesso em: 17 set. 2022.
- COI. (2008). **2nd Summer Youth Olympic Games in 2014**. General Presentation. Lausanne: COI. Disponível em: https://stillmed.olympic.org/AssetsDocs/importednews/documents/en_report_1385.pdf. Acesso em: 17 set. 2022.
- COI. (2018a). **3rd Summer Youth Olympic Games in Buenos Aires, Argentina – Updated information for the media**. Lausanne: COI. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/3rd-summer-youth-olympic-games-in-buenos-aires-argentina-updated-information-for-the-media>. Acesso em: 11 set. 2022.
- COI. (2007). **A "GO" for Youth Olympic Games**. Press Release. Lausanne: COI. Disponível em: <http://www.olympic.org/news?articleid=54895>. Acesso em: 12 set. 2022.

COI. (2018b). **Factsheet – The YOG compete, Learn & Share beyond the field of play**. Lausanne, COI.

COI. (2018c). **Going “Wild” for the Buenos Aires 2018 Mascot!** Lausanne: COI. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/going-wild-for-the-buenos-aires-2018-mascot>. Acesso em: 13 set. 2022.

COI. **Olympic charter**. Lausanne: COI, 2020. Disponível em <https://www.olympic.org/documents/olympic-charter>. Acessado em 19 set. 2022.

COI. (2018d). **Unity in diversity: YOG Athletes cross barriers to compete in solidarity**. Lausanne: COI. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/unity-in-diversity-yog-athletes-cross-barriers-to-compete-in-solidarity>. Acesso em: 13 set. 2022.

COI. (2010). **XIII Olympic Congress of 2009 in Copenhagen**. Factsheet for theme 4 (Olympism and youth). Lausanne: COI.

COI. (2009). **Youth Olympic Games**. Lausanne: COI. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/what-is-yog>. Acesso em: 15 set. 2022.

DaCosta, L. P. (2002). Olympic Legacy or Post-Olympism. In: DaCOSTA, L. P. **Olympic Studies**. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho.

Kirst, F. V. & Tavares, O. (2018). Legado educacional dos Jogos Rio 2016: Programa Transforma. *Journal of human sport and exercise*, 13(1proc), 86-98. DOI: <http://dx.doi.org/10.14198/jhse.2018.13.Proc1.08>.

Levenfus, R. S. (2002). Geração Zapping e o sujeito da orientação vocacional. In: Levenfus, R. S. & Soares, D. H. P. *Orientação vocacional/ocupacional, novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre: Artmed.

Medeiros, A. G. A. (2021). *Valores do Olimpismo: um estudo centrado nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018*. Dissertação de Doutorado em Ciências do Desporto. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto.

Miragaya, A. (2009). Educação Olímpica: o legado de Coubertin no Brasil. In: Reppold Filho, A. R. *et al.* (Orgs.). *Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

Müller, N. (2008). Olympic Education. In: Hai Ren (ed.). *Olympic Studies Reader*. Volume 1. Beijin: Beijin Sport University Press.

Müller, N.; Todt, N. S. (Org). (2015). *Pierre de Coubertin - 1863-1937: Olimpismo - seleção de textos*. Porto Alegre: EdiPUCRS.

Parry, S. J. (2012). The Youth Olympic Games – some Ethical Issues. *Sport, Ethics and Philosophy*, 6(2), 138-154. DOI: <https://doi.org/10.1080/17511321.2012.671351>.

Souza, A. L., Mataruna-Dos-Santos, L. J., & Tavares, O. (2019). Os Jogos Olímpicos da Juventude: Buenos Aires, Cidade Olímpica. In: RUBIO, K. (Org.). *Do pós ao neo Olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI*, Sao Paulo, Kepos.

Souza, A. L.; Tavares, O. (2020). A experiência educacional dos atletas nos Jogos Olímpicos da Juventude: uma revisão sistemática. *Movimento*, 26, 01-14. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.97317>.

Tavares, O. (2011). Beijing 2008: Os Jogos Olímpicos, A Cidade e Os Espaços. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, 33(2), 357-373.

Tavares, O. (2009). Educação Olímpica para o Rio de Janeiro 2016: princípios, temas, estratégias, meios e elementos. In: Reppold Filho, A. et al. (Orgs.). *Olimpismo e educação olímpica no Brasil*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

Tavares, O. (2003). *Esporte, movimento olímpico e democracia: o atleta como mediador*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro.

Todt, N. et al. (2007). A educação olímpica e a formação de professores. In: Rubio, K. et al. *Ética e compromisso social nos Estudos Olímpicos*. Porto Alegre, EDIPUCRS.

Torres, C. R. (2010). *The Youth Olympic Games, Their Program, and Olympism* [online], in IOC's OSC Postgraduate Grant Selection Committee, Lausanne: International Olympic Committee.

Turini, M. et al. (2008). Jogos Olímpicos da Juventude: um novo megaevento esportivo de sentido educacional focado em valores. In: Rodrigues, R. P. et al. (Orgs.) *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério dos Esportes.

Wong, D. (2011). The Youth Olympic Games: Past, Present and Future. *International Journal of the History of Sport*, 28(13), 1831-1851.